

Arquivos insurgentes

Cinema palestino e solidariedade¹

Insurgent Archives

Palestinian Cinema and Solidarity

Rana Anani

Instituto de Estudos da Palestina, Ramalá/Beirute, Palestina/Líbano

Resumo

O artigo examina o cinema palestino como uma prática arquivística insurgente que articula memória, resistência e solidariedade transnacional. Partindo da história dos arquivos cinematográficos palestinos, marcados por deslocamentos, perdas e tentativas de apagamento, investiga-se como filmes, coleções e iniciativas de preservação operam como formas de resistência cultural frente à violência colonial. O texto argumenta que o arquivo não se constitui apenas como repositório do passado, porque é um campo ativo de disputa política e de produção de conhecimento sobre a luta anticolonial palestina. Ao investigar práticas de circulação, recuperação e reinscrição dessas imagens, o artigo demonstra de que maneira os arquivos cinematográficos funcionam como pilares de solidariedade que conectam diferentes tempos e geografias da luta. O artigo conclui que o trabalho arquivístico e cinematográfico contribui para preservar e reativar tradições de resistência, reafirmando o papel da cultura visual na construção de narrativas históricas alternativas.

Palavras-chave: Cinema palestino. Arquivos insurgentes. Memória. Solidariedade, Resistência anticolonial.

¹ Este artigo foi publicado originalmente por Rana Anani como *Insurgent Archives: Palestinian Cinema and Solidarity* na *Senses of Cinema* (2025). A presente versão em português foi traduzida por Andréa França (PUC-Rio) e Ana Carolina Almeida (UFPE), com autorização da autora e da revista.

Abstract

This article examines Palestinian cinema as an insurgent archival practice that articulates memory, resistance and transnational solidarity. Drawing on the history of Palestinian film archives — marked by displacement, loss and attempts at erasure — it analyzes how films, collections and preservation initiatives operate as forms of cultural resistance to colonial violence. The article argues that the archive is not merely a repository of the past, but an active field of political dispute and knowledge production about the Palestinian anticolonial struggle. By examining practices of circulation, recovery and reinscription of images, it shows how cinematic archives function as infrastructures of solidarity that connect different temporalities and geographies of resistance. It concludes that archival and cinematic practices help preserve and reactivate traditions of struggle, reaffirming the role of visual culture in constructing alternative historical and political narratives.

Keywords: Palestinian Cinema. Insurgent Archives. Memory. Solidarity. Anti-Colonial Resistance.

Desde o início da campanha genocida de Israel em Gaza, nós, palestinos, temos nos deparado com perguntas difíceis feitas por artistas e trabalhadores da cultura sobre como estar ao lado da Palestina de maneira significativa. Em uma era de neoliberalismo e hegemonia imperial, e após décadas de conexões interrompidas entre palestinos e outros povos, a resposta a essa pergunta não é simples tampouco direta. Nesses momentos, é importante poder recorrer aos legados de solidariedade com a Palestina no passado, em busca de modelos históricos ousados que possam oferecer pistas para o presente.

No contexto do cinema, não se pode ignorar as redes de solidariedade que desempenharam um papel crucial na preservação dos primeiros filmes sobre a Palestina, muitos produzidos pela *Unidade de Cinema* da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e considerados perdidos após a invasão israelense do Líbano, em 1982. Este artigo explora como a solidariedade global com os palestinos ajudou a preservar cópias de filmes desaparecidos, funcionando como arquivos insurgentes – especialmente em um contexto em que a ocupação israelense não apenas tenta moldar a história dos palestinos, mas também impor e controlar como o presente será lembrado.

O cinema palestino emergiu no panorama mais amplo dos movimentos de cinema político do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 ao redor do mundo. No entanto, distinguia-se por operar no interior de um movimento de libertação nacional de um povo sem Estado. Até o início dos anos 1980, este cinema permaneceu vinculado à Organização para Libertação da Palestina, moldado por suas dinâmicas políticas em

constante transformação (Yaqub, 2018). A Unidade de Cinema da OLP, fundada pelos cineastas Mustafa Abu Ali, Hani Jawhariyya e Sulafa Jadallah, em 1969, documentava e promovia a luta palestina, ao mesmo tempo que se transformava em um polo de encontro para cineastas ativistas internacionais. Assim é que as facções palestinas produziram diversos filmes com abordagens semelhantes.

Estima-se que cerca de 50 documentários tenham sido produzidos em Beirute até a invasão israelense do Líbano, em 1982 (Al-Zubaydi, 2003). Um dos objetivos desta Unidade de Cinema Palestino – a *Palestine Film Unit* era arquivar a luta palestina por libertação para as gerações futuras, antecipando o momento em que a Palestina se tornasse um Estado independente (Yaqub, 2018, p. 59). Artistas e ativistas da Argentina, da França, do Chile, de Cuba e da Itália registraram aspectos da luta palestina e produziram filmes em solidariedade a essa luta.

Para além da produção de material e do arquivamento, a Unidade de Cinema Palestino distribuía ativamente imagens de seus próprios filmes e daqueles realizados por cineastas internacionais sobre a Palestina, disponibilizando-os a qualquer grupo interessado em exibi-los (Jacir, 2007). Ativistas e grupos de solidariedade frequentemente acrescentavam introduções, narrações e traduções em diferentes idiomas. Esses filmes eram exibidos, sobretudo em Beirute, mas também participavam de festivais internacionais, nos quais alguns receberam prêmios.

O prestigiado Festival de Cinema Documental e de Curtas-Metragens de Leipzig exibiu *al-Nahr al-barid* (*O Rio frio*, 1971),² do escritor e cineasta iraquiano Kassem Hawal, em 1971. *Buyutuna al-saghira* (*Nossas Pequenas Casas*, 1974), outro filme de Hawal, recebeu o Prêmio Pomba de Prata no mesmo festival, em 1974 (Yaqub, 2018, p.144-145). *Lays lahum wujud* (*Eles não existem*, 1974), de Mustafa Abu Ali, também foi exibido no Festival de Leipzig em 1974 (Abu Ali, 2023). Nesse mesmo festival, Qays Al-Zubaydi recebeu o Prêmio de Prata por *Ba'idan 'an al-watan* (*Longe da Pátria*), filme de 1969 (Salahat, 2022). *'Udwan sayhuni* (*Agressão Sionista*, 1972), de Abu Ali, conquistou o Prêmio do Simpósio no Festival Internacional de Cinema de Karlovy Vary, na Tchécoslováquia, em 1974. *Ru'a filastiniya* (*Visões Palestinas*, 1977), de Adnan Madanat, e *'Atfal walakin* (*Crianças sem Infância*, 1980), de Khadijeh Habashneh, participaram do Festival de Cinema de Moscou em 1981 (Habashneh, 2024). Filmes da Unidade de Cinema Palestino também foram exibidos no Festival Internacional de Cinema de Berlim e no Festival Internacional de Curtas-Metragens de Oberhausen, na Alemanha (Habashneh, 2024).

² O título do filme refere-se também a um campo de refugiados palestinos no norte do Líbano, estabelecido em 1949, e que foi destruído em 2007 após intensos combates entre o exército libanês e o grupo militante Fatah al-Islam (nota das tradutoras).

As produções da Unidade de Cinema Palestino (UCP) também obtiveram reconhecimento no mundo árabe, recebendo prêmios em festivais renomados como o Festival Internacional de Cinema de Bagdá, o Festival Internacional de Cinema da Juventude de Damasco, o Festival de Cinema de Cartago, em Túnis, o Festival de Cinema de Argel, além de festivais no Cairo e no Marrocos (Jacir, 2007). Em 1972, *Bilruh bildam* (*Com Alma, com Sangue*, 1971), de Mustafa Abu Ali, recebeu um prêmio de documentário no Festival Internacional de Cinema da Juventude de Damasco (Habashneh, 2024, p. 51), sendo exibido ao lado de um filme anterior de Abu Ali, *La lilhal al-silmi* (*O Povo Revolucionário Armado Diz: Não a uma Solução Pacífica*, 1969) *Palestina, outro Vietnam* (*Palestina, Outro Vietnã*, 1972), dirigido pelos cineastas argentinos Jorge Denti e Jorge Giannoni, do Coletivo de Cinema do Terceiro Mundo, recebeu um prêmio no Festival de Cinema e Televisão de Bagdá em 1973, após Abu Ali submeter o filme ao festival (Habashneh, 2024, p. 63). O filme de Abu Ali, *Mashahid min al-'ihtilal fi Gaza* (*Cenas da Ocupação em Gaza*, 1973) recebeu o Prêmio de Ouro no Festival Internacional de Bagdá, em março de 1973. Em 1975, *Nida' al-'ard* (*O Chamado da Terra*, 1975), de Qays Al-Zubaydi, conquistou três prêmios no mesmo festival (Salahat, 2022). Em 1980, *'Atfal walakin* (*Crianças sem Infância*), de Khadijeh Habashneh, recebeu menção especial do júri no Festival Internacional de Bagdá de Filmes e Programas de TV sobre a Palestina (Habashneh, 2024, p. 131). O documentário de Abu Ali *Tal Al-Zaatar* (1977), codirigido com Pino Adriano e Jean Chamoun, recebeu o Prêmio dos Críticos Árabes no Festival de Cinema de Cartago. O filme documentou o massacre de Tal Al-Zaatar, no qual mais de mil palestinos foram mortos durante a Guerra Civil Libanesa.

No entanto, o cinema criado pela Unidade de Cinema Palestino acabou desaparecendo durante a invasão israelense do Líbano. Habashneh, que integrava a UCP e ajudou a transferir o arquivo cinematográfico para um local mais seguro na região de Al Hamra, em Beirute, em 1981 – pouco antes da invasão israelense - recordou que "milhares de filmes estavam armazenados em latas que ocupavam três salas, com prateleiras do chão ao teto. Eram registros da história palestina, repletos de cinema político, documentação da luta, dos movimentos de resistência, da vida cotidiana e de imagens históricas" (Jacir, 2007).

Em *Reis & figurantes* (2004), a cineasta Azza Al Hassan inicia uma jornada para descobrir o destino do arquivo cinematográfico desaparecido da OLP. A busca transforma-se em uma meditação sobre a

fragilidade das narrativas coletivas e sobre a relação entre ausência e presença na história palestina.³ Uma questão central inevitável emerge ao final do filme: esses filmes estão realmente perdidos?

A resposta veio em 2017, quando a cineasta israelense Rona Sela revelou, em seu documentário *Looted and Hidden: Palestinian Archives in Israel*, que esses filmes foram saqueados e suprimidos por Israel. Embora Rona Sela tenha obtido acesso a esses materiais e utilizado trechos deles no seu filme, os palestinos continuam impedidos e sem direito de acessar seus próprios arquivos. E por que os palestinos devem depender de uma pesquisadora israelense para recuperar sua própria história? Quais partes dessa história Sela escolheu exibir e quais omitiu? O trabalho da cineasta expõe as dinâmicas coloniais de poder, nas quais até mesmo a memória palestina é mediada pelo controle israelense. Ironicamente, embora os arquivos existam fisicamente, permanecem inacessíveis a seus legítimos proprietários, o que significa que, na prática, continuam “desaparecidos”.

O ataque aos arquivos palestinos não é incidental, mas parte de uma estratégia israelense de apagamento que se estende ao longo de décadas. A Nakba, de 1948,⁴ marcou o primeiro saque sistemático de livros e manuscritos palestinos. Bibliotecas privadas inteiras foram confiscadas, enquanto inúmeros documentos, obras de arte e artefatos foram destruídos ou desapareceram de instituições israelenses (Anani, 2022), tornando-se inacessíveis aos palestinos (Mermelstein, 2011). Durante a invasão do Líbano, em 1982, o exército israelense saqueou 25 mil volumes, microfilmes, manuscritos e uma gráfica pertencente ao Centro de Pesquisa da Palestina (Hijazi, 1982). A destruição de arquivos continuou após essa data, inclusive depois do Acordo de Paz entre Israel e a OLP, em 1995.

À medida que a OLP se transformava na Autoridade Palestina, operando sob ocupação israelense enquanto projetava a ilusão de soberania, muitos materiais documentais foram reunidos em locais centrais, tornando-se alvos fáceis de destruição e apagamento. Por exemplo, os arquivos da *Orient House*, em Jerusalém, foram saqueados pelo exército israelense em 2001 (Staff, 2001), enquanto diversas instituições de mídia em Ramallah foram invadidas em 2002, resultando na destruição e no confisco de gravações, vídeos

³ No artigo *O cinema palestino e seus arquivos sumud* (2025), publicado na revista ALCEU, a autora Ana Caroline de Almeida analisa momentos-chave do filme *Reis & figurantes*, de Azza Al Hassan. Destaca que, ao longo do filme, várias pessoas dão depoimentos sobre a possibilidade de achar, ou não, esses arquivos perdidos da UCP e, entre esses depoimentos, está a fala importante de Khadijeh Habashneh que, em uma das conversas com Azza, diz: “Era como se existíssemos fora do tempo e do espaço”. Ver em: ALCEU – Revista de Comunicação, Cultura e Política V.25, n. 55, p. 32-49, 2025, *Dossiê O mundo (re)visto*, disponível em <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/470>. Acesso em: 19 abril 2026. Nota das tradutoras.

⁴ O ano de 1948 é destacado pela autora para marcar que a Nakba deve ser entendida como processo iniciado ainda no final do século XIX, com a intensificação da colonização sionista da Palestina, e que teve marcos importantes nas décadas de 1920 e 1930, quando se acumulam revoltas, repressões e deslocamentos forçados dos palestinos. O ano de 1948, portanto, não é o começo, mas um dos ápices da catástrofe (nota das tradutoras).

e documentos de valor inestimável (CPJ, 2002). Em 2021, um ataque aéreo à Torre Al-Jalaa, em Gaza, eliminou várias décadas de arquivos de mídia; em 2022, forças israelenses invadiram importantes organizações palestinas de direitos humanos, confiscando computadores, arquivos e outros materiais. Mais recentemente, o Arquivo Municipal de Gaza, que abrigava mais de 110 mil documentos históricos, foi destruído em bombardeios israelenses (Chahwan, 2024). Essas ações fazem parte de uma campanha mais ampla de apagamento da cultura e da narrativa palestinas, atingindo instituições, museus, sítios patrimoniais, centros culturais, salas de cinema e outros espaços de memória coletiva.

Segundo a mídia israelense, desde a Nakba, Israel confiscou aproximadamente 38 mil filmes, 2,7 milhões de fotografias, 96 mil gravações de áudio e 46 mil mapas e fotografias aéreas, todos armazenados em um arquivo militar central localizado nos arredores de Tel Aviv. No entanto, o arquivo cinematográfico saqueado em Beirute não está incluído nessa coleção, pois seu tamanho exato e seu conteúdo permanecem desconhecidos. Fontes israelenses afirmam, contudo, que ele contém 642 "filmes de espólio de guerra", muitos dos quais produzidos pela UNRWA (*United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees*) nas décadas de 1960 e 1970 (Aderet, 2017). Os materiais desse arquivo foram recatalogados sob uma lente colonial, na qual combatentes palestinos foram reclassificados como "gangues" ou "terroristas", e o treinamento armado palestino passou a ser rotulado como "campos terroristas" (Aderet, 2017).

Arquivos estáticos versus arquivos vivos

Historicamente, os palestinos adotaram um modelo "tradicional" de arquivo para preservar registros, embora esse modelo dependa de soberania para sua proteção – algo impossível sob o regime colonial, no qual tanto os colonizados quanto suas narrativas permanecem alvos de apagamento. Talvez seja necessária, nesse caso, uma abordagem diferente, capaz de garantir a segurança desses registros e levá-los a outro nível de narração. O que importa, nesse sentido, é desenvolver métodos alternativos de preservação, talvez na forma de arquivos "insurgentes". Em vez de reproduzir estruturas estáticas, os "arquivos" palestinos devem assemelhar-se à condição fugitiva em que vivem: precisam ser fluidos, adaptáveis e dispersos para assegurar sua sobrevivência. Isso não significa, contudo, que os arquivos saqueados não devam ser devolvidos; o direito a esses documentos pertence legitimamente ao povo palestino.

Ao longo da história, os palestinos recorreram à terra como um lugar seguro para esconder seus bens mais valiosos, na crença de que a terra não revelaria seus segredos. Tesouros eram guardados em jarros e enterrados para protegê-los de saqueadores – prática, inclusive, que também se manteve durante os anos de ocupação. Na Primeira Intifada, Fahed Alhaj, diretor do Museu Abu Jihad para Prisioneiros, conseguiu

contrabandear documentos escritos por diversos prisioneiros durante seu encarceramento.⁵ Após sua libertação, durante a Intifada, reuniu esses documentos e enterrou-os para protegê-los. Em 1997, pouco depois do Acordo de Oslo, o museu foi estabelecido com base nesses materiais que sobreviveram a sucessivas incursões israelenses na residência de Fahed Alhaj, que afirma preservar múltiplas cópias desses documentos enquanto persistir a ocupação (Anani, 2016).

Apesar das ameaças e do constante ataque aos seus registros, os palestinos insistem em desenterrar e revitalizar sua história perdida. Diversos cineastas têm buscado arquivos cinematográficos desaparecidos, movidos pelo interesse de conhecer melhor sua própria história e pela convicção de que a narrativa palestina do passado precisa ser resgatada para que a história continue – e, sobretudo, possa intervir no passado e revelar seus diferentes aspectos ao presente. À medida que buscam esses arquivos, novos filmes desaparecidos vêm à tona. Em 2006, pouco antes de falecer, Mustafa Abu Ali organizou um grupo de cinema com a intenção de iniciar uma busca por filmes desaparecidos ao redor do mundo (Habashneh, 2024, p. 135). Khadijeh Habashneh,⁶ ex-companheira e amiga de Abu Ali, deu continuidade à missão e, até 2016, reuniu cerca de 40 filmes produzidos pela Unidade de Cinema Palestino, provenientes de diversas partes do mundo (Habashneh, 2024, p. 137).

A rede de cinema solidário das décadas de 1960, 1970 e 1980 desempenhou papel crucial na recuperação de filmes palestinos perdidos após o saque do arquivo cinematográfico em Beirute. E esses filmes continuam a reaparecer em lugares inesperados, revelando o impacto duradouro dos esforços de solidariedade internacional que preservaram e preservam parte do cinema palestino – talvez até de forma involuntária. Quando a artista Emily Jacir descobriu o copião do documentário *Tal al-Zaatar* (*Colina do tomilho*, 1976) em um arquivo italiano, ela revelou o papel oculto das redes transnacionais na salvaguarda dos registros palestinos.

Em 2004, Jacir encontrou esse material no Arquivo Audiovisual do Movimento Democrático e Trabalhista (AAMOD Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico), herdado do Partido Comunista Italiano, onde permanecera armazenado por 36 anos. *Tal al-Zaatar*, coprodução entre a Instituição de Cinema Palestino e a Unitelefilm, exigiu uma extensa restauração, realizada por Emily Jacir e Monica Maurer, cineasta e ativista alemã que colaborou com a Unidade de Cinema Palestino nos anos 1970, antes

⁵ Para mais informações sobre o assunto, consultar a página do Museu Abu Jihad: Abu Jihad Museum (<https://www.alquds.edu/en/centers-museums/centers/17342/abu-jihad-center-for-palestinian-captives-movement-affairs/>).

⁶ Cineasta, pesquisadora e arquivista, assumiu um papel importante na preservação e na busca por essa memória visual palestina, especialmente após o desaparecimento do arquivo da Palestine Film Unit durante a invasão israelense ao Líbano, em 1982 (nota das tradutoras).

que o filme fosse exibido em diversos locais (Jacir, 2013). Outros filmes palestinos também foram descobertos no mesmo arquivo, todos filmados por italianos ou produzidos como colaborações ítalo-palestinas.

Este não foi o único caso em que filmes desaparecidos foram preservados em arquivos internacionais. Em 2015, o cineasta Mohanad Yaqubi dirigiu *Off Frame AKA Revolution Until Victory*, um documentário que reflete sobre a luta palestina para produzir autorrepresentações em seus próprios termos nas décadas de 1960 e 1970, após a criação da Unidade de Cinema. O filme surgiu a partir de ampla pesquisa em arquivos dispersos por Paris, Roma, Londres, Amã e Beirute. As investigações levaram a uma constatação inesperada: muitas cópias dos filmes saqueados sobreviveram graças às redes de solidariedade que haviam apoiado a luta palestina.

Ao rastrear os copiões de trinta e seis filmes, descobriu-se que cada obra foi reproduzida em 60 ou até 70 cópias e distribuída em universidades, centros acadêmicos estudantis, coletivos de trabalhadores, partidos políticos e festivais de cinema (Cerecina, 2017). Utilizando o formato 16mm e projetores portáteis, a Unidade de Cinema da OLP garantiu que esses filmes pudessem ser exibidos em qualquer lugar — fábricas, salas de aula e campos de refugiados. Essa estratégia fazia parte de um esforço mais amplo para educar públicos globais sobre a causa palestina e mobilizar apoio por meio do cinema, demonstrando como a própria solidariedade tornou-se uma base arquivística alternativa e fluida, sustentando a memória do cinema palestino de resistência apesar do apagamento colonial (Cerecina, 2017).

Os filmes desaparecidos também ressurgiram nas residências de ativistas. Em 2017, o coletivo Subversive Film (grupo de pesquisa e produção cinematográfica) deparou-se com outra coleção de vinte filmes, no Japão, que foram restaurados e inventariados *on-line*, denominando posteriormente a coleção de *Tokyo Reels*. Esse episódio evidenciou como a solidariedade não era apenas um posicionamento político, mas igualmente uma prática arquivística ativa e não passiva. Esses filmes, preservados por décadas por um ativista japonês, representam uma história paralela do cinema palestino, mantida não em arquivos institucionais tradicionais, mas nas mãos de quem acreditava na luta. Os filmes sobre a Palestina foram exibidos no Japão nas décadas de 1970 e 1980, e foram ligeiramente modificados com a inclusão de introduções e traduções para o japonês. Ao serem adaptados, eles permaneceram vivos, sobreviveram. A lista de filmes encontrados incluía títulos raros das décadas de 1970 e do início dos anos 1980, entre documentários e curtas-metragens que abordam a revolução palestina. Dentre eles havia dois filmes que reapareceram pela primeira vez: *Yawm al-'ard* (*Dia da Terra*, 1983), de Ghaleb Shaath; e *Alharb fi lubnan* (*Guerra no Líbano*, 1976), de Bakr Sharqawi (Anani, 2023).

O ressurgimento da história palestina desaparecida não se limitou ao cinema; manifestou-se também nas artes visuais. “Esperei por vocês durante trinta anos”. Com essas palavras, o artista francês Claude Lazar recebeu as pesquisadoras Rasha Salti e Kristine Khoury em sua casa, na França, entregando a elas três caixas repletas de materiais, incluindo fotografias, recortes de jornal e outros documentos (Bouarrouj, 2015). Foi a primeira vez que Salti e Khoury viram imagens da exposição de 1978 em solidariedade à Palestina, um tema que investigavam havia muito tempo. A exposição, fruto de doações de artistas do mundo inteiro, desapareceu durante a invasão israelense do Líbano, em 1982, restando a coleção documental de Claude Lazar como um dos poucos registros sobreviventes.

Cineastas ativistas vinculados a partidos de esquerda e alianças políticas, como o Movimento dos Não Alinhados,⁷ também contribuíram para registrar a luta palestina como parte da documentação de lutas consideradas justas no mundo. Filmes sobre a Palestina, realizados na década de 1960, podem ser encontrados nos cinejornais iugoslavos, em Belgrado. Por exemplo, *Blood and Tears* (1972), filmado por Stevan Labudović – cinegrafista que trabalhou para os cinejornais da Iugoslávia –, foi utilizado pela OLP para promover a causa palestina e circulou em diferentes arenas, como a ONU e eventos políticos (Birdsall; Denić, 2023). A obra também foi mencionada em um dos livros do cineasta iraquiano Qays Al-Zubaydi, já citado anteriormente.

Diretores como Al-Zubaydi desempenharam igualmente um papel fundamental na documentação do cinema palestino. O cineasta, que trabalhou em estreita colaboração com a OLP em Beirute nos anos 1970, dirigiu e produziu diversos filmes, como *Away from Home* (1969) e *Al-Ziyarah* (*A visita*, 1970). Mais recentemente, assumiu a essencial tarefa de reunir e preservar cópias dispersas de filmes sobre a Palestina ao redor do mundo. Depositou o material que encontrou no Departamento de Preservação do Patrimônio e Cultura do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, na tentativa de assegurar sua sobrevivência. Ao todo, documentou e arquivou setenta filmes produzidos a partir dos anos 1970 (Al-Zubaydi, 2003).

Como parte de seus esforços arquivísticos, o cineasta Al-Zubaydi publicou dois livros, *Filastin fi al-sinima* (2006) e *Filastin fi al-sinima 2: al-dhakirah wa-al-hawiyah* (2019).⁸ Essas obras oferecem um catálogo abrangente de filmes sobre a Palestina. O primeiro volume documenta quase um século de representações cinematográficas da Palestina, da Declaração de Balfour ao massacre de Jenin, em 2002, listando, aproximadamente, 800 filmes realizados por cineastas palestinos, árabes e estrangeiros. Essas produções

⁷ MNA ou NAM, em inglês. Trata-se de um grupo de 121 países na ONU que mantém historicamente um forte apoio à causa palestina, defendendo a autodeterminação e a independência da Palestina (nota das tradutoras).

⁸ *Palestina no Cinema e Palestina no Cinema (v. 2): memória e Identidade*.

abrangem diversos formatos — curtas e longas-metragens, ficção e documentário — e registram as múltiplas tragédias que marcaram a história palestina.⁹

Em uma entrevista antes de falecer, Al-Zubaydi afirmou ter descoberto muitos filmes europeus que tratavam da Palestina em diferentes formas e estilos, produzidos por diretores na França, Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Canadá – filmes desconhecidos no mundo árabe:

Ninguém sabia, por exemplo, que existiam filmes sobre a Palestina no Canadá. As informações disponíveis não mencionavam absolutamente nada nesse campo. Mas o acaso desempenhou um papel nisso: quando percebi, durante uma visita, que tais filmes existiam, empenhei-me em obtê-los, e consegui adquirir os direitos de apenas sete filmes (Al-Zubaydi, 2023).

Al-Zubaydi assumiu a tarefa de evidenciar a presença frequentemente negligenciada de filmes europeus e canadenses sobre a Palestina, destacando tanto sua inacessibilidade quanto o papel do acaso em sua descoberta. Também desempenhou função ativa na catalogação desse arquivo disperso. Esses filmes, encontrados por ele de maneira fortuita, merecem maior atenção e esforços dedicados para viabilizar sua circulação e exibição.

O arquivo cinematográfico saqueado aponta para a possibilidade de recuperação. Em *Palestinian Cinema in Days of Revolution* (2018), Nadia Yaqub observa que o arquivo do cinema palestino permanece disperso, mas recuperável, uma vez que cópias dos filmes foram distribuídas globalmente a escritórios da OLP, aliados políticos e festivais de cinema, sendo que algumas ainda se encontram em centros culturais, bibliotecas e embaixadas. Yaqub enfatiza que os esforços para recuperar esses materiais dispersos não são meramente nostálgicos, mas carregam um significado profundo no contexto da política palestina pós-Oslo, buscando não apenas documentar e coletar, mas também “recuperar ativamente os pontos de convergência que vinculavam os movimentos de esquerda do passado” (Yaqub, 2018, p. 199-200).

Arquivos como espaços de resistência

Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Frantz Fanon enfatiza a importância da produção cultural no processo de libertação, afirmando que a recuperação da própria cultura e da própria história constitui um passo fundamental na luta pela liberdade (Fanon, 2008). Os esforços para salvaguardar a memória cultural palestina, diante da destruição e da perda, configuram uma forma de resistência.

⁹ Para maior aprofundamento, ver Al-Zubaydi (2006).

Para os oprimidos, os arquivos não são meras coleções passivas de documentos, mas espaços ativos de resistência e luta. O próprio ato de arquivar torna-se uma prática dinâmica de enfrentamento ao controle e ao confinamento geográfico. Muitos filmes do arquivo do cinema palestino da década de 1970 sobreviveram precisamente graças à solidariedade internacional ou à tentativa de estabelecer conexão com públicos globais. Sua presença em países como Itália, Japão e outros atesta o caráter transnacional da luta palestina naquele período.

Esses arquivos ameaçados não apenas preservam e narram histórias perseguidas ou marginalizadas por poderes coloniais, mas também incorporam intervenções artísticas que mantiveram acesa a história vivida. Essas intervenções fazem mais do que resistir ao apagamento: ultrapassam a mera documentação, transformando-se continuamente na memória coletiva para narrar as múltiplas dimensões da luta palestina.

Considerações finais

A recente destruição de instituições culturais em Gaza, incluindo museus, bibliotecas e sedes de imprensa, constitui um lembrete contundente de que o apagamento da memória palestina é sistemático e contínuo. Sob ameaça constante, os arquivos palestinos precisam adotar caminhos alternativos. Uma abordagem "insurgente" para a preservação do cinema — em vez de reproduzir modelos arquivísticos estáticos — é hoje mais necessária do que nunca.

Após restaurar *Tokyo Reels*, o coletivo Subversive Film realizou cópias da coleção completa de vinte filmes e enviou-as de volta ao ativista japonês que as havia preservado, garantindo seu retorno ao local original de ocultação. Em seguida, o coletivo produziu o 21º filme, dirigido por Mohanad Yaqubi, que incorporou diversas cenas do arquivo *Tokyo Reels*, dialogando com diferentes aspectos da luta de libertação palestina e incluindo um relato detalhado do processo de restauração. Como gesto final de solidariedade, o Subversive Film presenteou esse último filme ao ativista que descobriu a coleção, o qual, então, incorporou o presente ao seu próprio arquivo (Anani, 2024).

Enxergar os arquivos palestinos por uma lente insurgente não apenas os protegeria da ameaça de aniquilação, como também possibilitaria práticas alternativas capazes de “criar condições materiais para reavivar o conhecimento sobre tradições de resistência anticolonial” (Kokotović, 2023). Isso também evidenciaria “o papel central da solidariedade, tanto como infraestrutura indispensável a essa cultura quanto como objetivo que a motiva” (Kokotović, 2023). Assim, olhar para o passado torna-se um meio de

compreender e incorporar lições relevantes para o presente. Como a história demonstra, arquivos inseridos em redes de solidariedade não simplesmente desaparecem; eles reaparecem, persistem e se transformam.

À medida que Israel dá continuidade ao seu projeto de limpeza étnica, a solidariedade com a Palestina não pode se reduzir a gestos simbólicos ou declarações institucionais. Ela deve constituir uma prática viva, capaz de aprender com as lutas do passado e, ao mesmo tempo, resistir à apropriação por agendas neoliberais que despolitizam e esvaziam seu sentido. O desafio colocado aos artistas e trabalhadores da cultura não é apenas expressar apoio, mas engajar-se ativamente em estruturas que resistam ao apagamento dos oprimidos: preservar, fazer circular e participar da reconstrução dos arquivos insurgentes da Palestina.

Rana Anani

Pesquisadora associada (fellow) do Institute for Palestine Studies (Ramallah e Beirute) e editora de sua plataforma digital. Coautora de Throne Village Architecture (Riwaq, 2003); colabora com capítulos sobre arte árabe e Palestina em coletâneas recentes.

E-mail: anani.rana@gmail.com

Referências

ADERET, Ofer. **Why are countless Palestinian Photos and Films Buried in Israeli Archives?** Haaretz, 1 jul. 2017.

ANANI, Rana. Insurgent Archives: Palestinian Cinema and Solidarity. **Senses of Cinema**, maio 2025. Disponível em <https://www.sensesofcinema.com/2025/enduring-frames-cinema-solidarity-palestinian-resistance/insurgent-archives-palestinian-cinema-and-solidarity/>. Acesso em: 1 de set. 2026.

ANANI, Rana. **A History of Art Without Art. Majallat al-Dirasat al-Filastiniyya**, n. 129, inverno 2022. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/en/node/1652298>. Acesso em:

ANANI, Rana. Cinema of Solidarity with Palestine from 'Tokyo Reels' to 'Documenta 15'. **Majallat al-Dirasat al-Filastiniyya**, n. 134, primavera 2023. Disponível em: www.palestine-studies.org/ar/node/1653731. Acesso em: 1 set. 2026

ANANI, Rana. **Entrevista com Fahd Abu Al Haj**. Abu Deis, Jerusalém, 15 out. 2016.

ANANI, Rana. **Entrevista com Mohanad Yaqubi**. Ramallah/Bruxelas, via Zoom, dez. 2024.

AL-ZUBAYDI, Qays. **Palestine in the Cinema**. Institute for Palestine Studies, 2006. Disponível em <https://www.palestine-studies.org/en/node/1647991>. Acesso em: 4 set. 2026.

AL-ZUBAYDI, Qays. Our Films are a True Formation of Our Memory and Part of Our History. **Assafir**, 10 jul. 2003. Disponível em: <https://archive.assafir.com/ssr/1227115.html>. Acesso em: 1 set. 2026.

BIRDSALL, Carolyn; DENIĆ, Nadica. Voices from the Debris: an Interview with Mila Turajlić on Unearthing Anti-Colonial Solidarities. **NECSUS**, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://necsus-ejms.org/voices-from-the-debris-an-interview-with-mila-turajlic-on-unearthing-anti-colonial-solidarities/>. Acesso em: 1 set. 2026.

BOUARROUJ, Khelil. Past Disquiet: Narratives and Ghosts from the International Art Exhibition for Palestine, 1978. **Palestine Square**, 27 nov. 2015.

CERECINA, Ivan. Off Frame A.K.A. **Revolution Until Victory**: an Interview with Director Mohanad Yaqubi. 4:3 Film, abr. 2017. Disponível em: <https://fourthreefilm.com/2017/04/off-frame-a-k-a-revolution-until-victory-an-interview-with-director-mohanad-yaqubi/>. Acesso em: 1 de set. 2026

CHAHWAN, Rula. Gaza Archive and the Continued Destruction. **Policy Paper**. Institute for Palestine Studies, 2024. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/ar/node/1655352>. Acesso em: 1 de set. 2026

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS (CPJ). **Middle East Special Report**: Picking Up the Pieces. 13 jun. 2002. Disponível em: <https://cpj.org/reports/2002/06/west-bank-june02/>. Acesso em: 1 de set. 2026

FANON, Frantz. **Black skin, White Masks**. Trad: Charles Lam Markmann. Nova York: Grove Press, 2008.

HABASHNEH, Khadijeh. **Knights of Cinema**: The Story of The Palestine Film Unit (New Texts Out Now). Jadaliyya, 21 out. 2024. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/46292>. Acesso em: 1 de set. 2026

HIJAZI, Ihsan A. Israeli Looted Archives of P.L.O. Officials Say. **New York Times**, 1 out. 1982.

INSTITUTE FOR PALESTINE STUDIES (editorial). **The Looted Archives of The Orient House**. 2001.

JACIR, Emily. Emily Jacir: Letter from Roma. **Creative Time Reports**, 3 set. 2013. Disponível em: <https://creativetimereports.org/2013/09/03/emily-jacir-letter-from-roma/>. Acesso em: 1 de set. 2026

KOKOTOVIĆ, Sima. Archival Film Practice Behind Off Frame: Unravelling Cinematic Solidarities in The Palestinian Struggle for Liberation. **Framework**: The Journal of Cinema and Media, v. 64, n. 1, 2023.

MERMELSTEIN, Hannah. Overdue Books: Returning Palestine's 'Abandoned Property' of 1948. **The Jerusalem Quarterly**, n. 47, outono 2011.

SALAHAT, Mohanad. Qays Al-Zubaydi (3/4): A Discussion About Palestinian Revolution Films. **Romman Magazine**, 27 fev. 2022.

YAQUB, Nadia. **Palestinian Cinema in The Days of Revolution**. Austin: University of Texas Press, 2018.